

O AGIR DRAMATÚRGICO BOLSONARISTA NA CONSTRUÇÃO DO CINISMO BUROCRÁTICO NO BRASIL

Ricardo Vinicius Cornélio dos Santos e Carvalho¹
Ana Paula Paes de Paula²

RESUMO

Neste ensaio teórico, discute-se um aspecto pouco explorado de sua teoria: o agir dramático como cinismo. Baseando-se nas discussões de Habermas sobre a ascensão do nazismo na Alemanha, aborda-se o agir dramático-cínico das lideranças autoritárias na manipulação de insatisfações das massas, que constrói um cinismo burocrático e faz uso das organizações públicas de um modo dissimulado, orientado à autoconservação no poder. Para guiar essa reflexão, exteriorizações de lideranças do governo Jair Bolsonaro são utilizadas a fim de analisar a conduta dramático-cínica das lideranças bolsonaristas no país, que engendra a construção de um cinismo burocrático no enfrentamento do Covid-19 no Brasil.

Palavras-Chave: Agir comunicativo; Agir dramático; Cinismo; Burocracia; Covid-19.

LA ACCIÓN DRAMATURGICA BOLSONARISTA EN LA CONSTRUCCIÓN DEL CINISMO BUROCRATICO EN BRASIL

RESUMEN

En este ensayo teórico se discute un aspecto poco explorado de su teoría, la acción dramática, cínica. La discusión está basada en la argumentación de Habermas sobre el ascenso del nazismo en Alemania, según la cual la acción dramático-cínica de los líderes autoritarios manipularon el descontento de las masas, con el fin de construir un cinismo burocrático que usa las organizaciones públicas de una manera encubierta para su autoconservación en el poder. Para orientar esta reflexión, se utilizan las externalizaciones de los líderes del gobierno de Jair Bolsonaro para demostrar la preponderancia de este tipo de acción. Con efecto, se defiende que el comportamiento dramático y cínico de los líderes bolsonaristas en Brasil implica la construcción de un cinismo burocrático en el enfrentamiento al Covid-19 en este país.

Palabras clave: Acción comunicativa; Acción dramática; Cinismo; Burocracia; Covid-19.

¹Economista e Administrador. Especialista em Gestão Pública (Fundação João Pinheiro/MG). Mestre em Administração (UFMG). Doutorando em Administração (UFMG). Analista do Banco Central do Brasil (BCB).

²Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Professora Titular do Departamento de Ciências Administrativas e do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD/UFMG).

THE BOLSONARIST DRAMATURGIC ACTION IN THE CONSTRUCTION OF A BUREAUCRATIC CYNICISM IN BRAZIL

ABSTRACT

In this theoretical essay, a less discussed aspect of his theory is considered, the dramaturgical acting taken as cynicism. Based on Habermas' discussions about the rise of Nazism in Germany, it reflects on the dramaturgical-cynical action of authoritarian leaders in manipulating the dissatisfaction of the masses, in order to build a bureaucratic cynicism that uses public organizations in a covertly oriented way, aiming its self-preservation in power. To guide this reflection, externalizations of Jair Bolsonaro's government leaders are used to demonstrate the preponderance of the dramaturgical-cynical action in the Bolsonaroism. It seeks to reflect on the dramaturgical and cynical behavior of the Bolsonaroist leaders in the country as an attempt to build a bureaucratic cynicism in confronting Covid-19 pandemic in Brazil.

Keywords: Communicative action; Dramaturgical acting; Cynicism; Bureaucracy; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Jürgen Habermas é um pensador transfronteiriço. Percorre várias abordagens de teoria social, sempre guiado por uma visão crítica que o remete à Escola de Frankfurt, mas cujo ecletismo permitiu também distanciar-se dela e estabelecer debates pouco comuns em um mundo científico marcado por rigidezes paradigmáticas (WARD, 2019; HENNING, 2018; RENAULT, 2018; MELO, 2011). Defensor de uma teoria social sintética, ou seja, que visa agregar conceitos e recortes teóricos buscando “interconectar diferentes paradigmas” (RENAULT, 2018, p.66), sua obra permite uma grande variedade de abordagens e de aplicações, inclusive nos estudos organizacionais. A sua teoria do agir comunicativo, por exemplo, tem sido bastante utilizada nas análises organizacionais contemporâneas (HEILMAN & SEMENTELLI, 2020; ANDRADE, ALCANTARA & PEREIRA, 2019; LARA & VIZEU, 2019; DETCHESSAHAR & JOURNÉ, 2018; COUTO & CARRIERI, 2017; RASCHE & SCHERER, 2015; VIZEU, 2015; VASCONCELOS, PESQUEUX & CYRINO, 2014). Apesar disso, ainda existem alguns pontos que foram pouco explorados. Um deles é a discussão do agir dramaturgico em sua versão cínica.

Habermas (2012) evocou a dramaturgia cínica das lideranças autoritárias para explicar a origem do nazismo na Alemanha, seu país natal. O cinismo fora utilizado pelos nazistas como forma de manipular as massas frustradas com os efeitos da Modernidade, especialmente, com

o processo de desencantamento do mundo que afrontava a tradição conservadora e com as promessas de prosperidade feitas às camadas pobres da população e que não foram cumpridas. Mais do que uma conduta individual, o cinismo dramatúrgico autoritário se projeta sobre a sociedade tentando criar um cinismo burocrático, ou seja, uma postura dissimulada que se espraia pela Administração Pública e que não se preocupa com a verdade e nem com as insatisfações populares. Esta forma de agir enfoca o uso do Estado apenas como meio para promover a autopreservação do autoritarismo no poder, valendo-se, para tanto, do resgate a qualquer custo da tradição. Assim, o poder público é apenas um instrumento de reforço do poder pessoal das lideranças autoritárias.

Busca-se, neste trabalho, valer-se deste aspecto menos destacado da teoria habermasiana para discutir a preponderância do agir dramatúrgico cínico na conduta do Presidente Jair Bolsonaro, durante o enfrentamento à Pandemia do Covid-19 no Brasil. Como método, realizou-se uma construção dedutiva-argumentativa a partir dos conceitos habermasianos do agir dramatúrgico-cínico, tomando-os como guia para a análise do caso brasileiro. Além disso, utilizou-se dados secundários como forma de apoio empírico para a discussão realizada. Assim, para identificar o cinismo burocrático neste governo, contrapõe-se exteriorizações do presidente, em excertos de discursos e entrevistas, a dados de agências de checagem de fatos (*fact-checking*) e à análise de medidas tomadas no enfrentamento da crise realizadas pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP). Com base nisso, procura-se demonstrar que o cinismo individual da liderança brasileira repercutiu em uma tentativa de construção de uma burocracia pública também calcada no cinismo. Assim, encenava-se não apenas discursos evasivos de combate à pandemia, mas também medidas igualmente cínicas, que se apresentavam como tentativas de enfrentamento e que eram, todavia, sabidamente inefetivas ou contrárias à contenção do Covid-19 no Brasil, valendo-se para isso, de frequentes ataques a poderes públicos, à imprensa, à ciência e à própria burocracia pública que buscava medidas efetivas para frear o avanço da pandemia no país.

Este artigo se divide em quatro partes além desta introdução. Na primeira, discute-se o agir comunicativo e as demais formas de agir social apresentadas por Habermas. Na segunda,

destaca-se o agir dramatúrgico cínico no autoritarismo, alinhando-o a reflexões de Habermas, Sloterdijk e Arendt sobre a Alemanha nazista. Na terceira, discute-se a prevalência do agir dramatúrgico na construção do cinismo burocrático bolsonarista. Na quarta, apresentam-se as considerações finais.

O AGIR COMUNICATIVO EM HABERMAS E AS DEMAIS FORMAS DE AÇÃO SOCIAL

No presente trabalho, pretende-se explorar um aspecto da teoria do agir comunicativo pouco analisado nos estudos organizacionais: a questão da sua contraposição a outras formas de agir. Habermas (2012a, 2012b), ao construir o seu conceito de racionalidade comunicativa e de agir comunicativo, põe-se a analisar quatro conceitos de ação fundamentais para a formação da teoria das ciências sociais: a) o agir teleológico; b) o agir regulado segundo normas; c) o agir dramatúrgico; e, d) o agir comunicativo.

O agir teleológico, segundo Habermas (2012a) está no centro da teoria filosófica da ação desde Aristóteles, e diz respeito às ações tomadas com base na relação entre meios e fins, ou seja, orientadas por um ideal estratégico que busca “integrar ao cálculo de êxito a expectativa de decisões” (Habermas, 2012a, p.163). Esse agir tem como critério principal de avaliação a sua eficácia, sua capacidade de obter o resultado desejado. A conduta do indivíduo, porém, considera as ações dos demais, “cada qual segundo seu próprio êxito”, ou seja, avaliando o seu próprio “cálculo egocêntrico das vantagens” (Habermas, 2012a, p.169). No agir teleológico, portanto, a visão egocêntrica do indivíduo é fundamental. Nela, uma pessoa crê ser capaz de compreender isoladamente os dados e os fatos do mundo exterior e, com base em suas próprias inferências, conseguir adequar sua conduta orientando-a aos resultados que deseja com base em sua avaliação dos meios disponíveis para alcançá-los. Habermas (2012a) diz que sua pressuposição ontológica, portanto, é um mundo objetivo, no qual quem age teleologicamente o lê, o interpreta e o compreende bem. O seu conceito central é, portanto, a capacidade da pessoa (entendida como um indivíduo-agente dotado de um complexo cognitivo-volitivo apto a formar opiniões) de intervir no mundo objetivo (um estado de coisas existente) de forma exitosa.

O agir regulado por normas, por sua vez, não se constrói isoladamente, mas toma como referência a interação com outros membros de um grupo social que orientam seu agir segundo valores em comum. Sob a ótica deste agir, as pessoas desempenham papéis, transitando entre o mundo objetivo e o social, de maneira que “o sujeito, ao desempenhar o seu papel, integra da mesma forma outros atores capazes de apreender interações normativamente regradadas entre si” (Habermas, 2012a, p.170). Neste caso, uma pessoa percebe dados e fatos do mundo exterior, mas os interpreta conforme regras compartilhadas entre os grupos sociais que toma como referência para seu agir, quer sejam normas jurídicas ou morais. A sua pressuposição ontológica é mais ampla, alcançando os mundos objetivo e o social. A este agir corresponde uma preocupação adicional, não apenas de eficácia, mas de validade social. As normas se voltam para um círculo de destinatários, para quem estipula qual conduta é válida e qual não é. Para que uma norma valha, ela precisa ter assentimento dos atingidos, ou não será eficaz. Para que ela subsista faticamente, portanto, ela deve ser reconhecida pelas pessoas que ela alcança e esse reconhecimento intersubjetivo fundamenta a validade social da norma.

O agir dramatúrgico, por sua vez, se refere “a participantes de uma interação que constituem uns para os outros um público a cujos olhos eles se apresentam” (Habermas, 2012a, p.165). O seu conceito central é o de autorrepresentação, o que não quer dizer um comportamento expressivo espontâneo, mas “a estilização da expressão de vivências próprias, endereçada a espectadores” (Habermas, 2012a, p.165). Habermas afirma que, sob a ótica deste agir, as encenações recíprocas *‘encounter’* e *‘performance’* são os conceitos-chave. Essas encenações dizem respeito ao ato de representar uma conduta diante de outras pessoas considerando-as como uma audiência, um público para o qual se interpreta um sentimento, uma ideia, uma posição. Atualmente esta ideia é bastante difundida no conceito de *performar*. Aqui acrescenta-se outra dimensão ontológica, o mundo subjetivo, ao qual “o ator tem um acesso privilegiado”, composto de vivências, desejos e sentimentos, aos quais quem atua busca externalizar – trazer aos mundos objetivo e social – encenando-as, diante de um público, e “de tal modo que esse público, desde que confie nas externalizações expressivas do ator, conceda-lhe serem esses desejos e sentimentos algo realmente subjetivo” (Habermas, 2012a, p.176-177).

O agir comunicativo, por fim, refere-se à interação de, pelo menos, duas pessoas capazes de falar e agir que estabeleçam uma interrelação (seja com meios verbais ou extraverbais). Quem assim atua busca um entendimento sobre o que Habermas (2012a, p.166) chama de “situação da ação” para, de maneira concordante, coordenar seus planos de ação, o seu modo de agir. O conceito central no agir comunicativo é o diálogo que implica uma espécie de negociação entre as posições defendidas pelos participantes, com críticas, contra-argumentações, concessões, reflexões. Na linguagem de Habermas (2012a, p.166), isso refere-se “à negociação de definições situacionais passíveis de consenso”. Nesse modelo de ação, portanto, a linguagem assume uma posição de destaque. Ela passa a integrar a perspectiva de quem assim atua em todo o seu percurso de exteriorização. Isso porque nos modelos teleológico, do agir regulado por normas e dramatúrgico, a linguagem é concebida de maneira unilateral (monológica), apenas como possibilidade de interpretação do mundo objetivo, no primeiro caso, e como anteparo para interpretações subjetivas, nos outros dois. Nestes três casos, as ações são mediadas pela fala, mas, não possuem o caráter dialógico do falar-ouvir. No dramatúrgico, a linguagem é *medium* de autoencenação – eu decido a minha interpretação para o público.

O AGIR DRAMATÚRGICO CÍNICO NO AUTORITARISMO

Habermas tomou a ascensão da violência autoritária do nazismo como a grande angústia de seu tempo. Como explicar o surgimento do fascismo e do nazismo? Para além de outros aspectos, um elemento chamou-lhe a atenção: o cinismo como estratégia. Ao falar do agir dramatúrgico, Habermas (2012a) destacou seu caráter de ato de fala expressivo tendo como função linguística a autorrepresentação, a representação de si mesmo para os outros. Quando orientada ao entendimento, esta autorrepresentação teria como pretensão de validade a veracidade do mundo subjetivo, ou seja, uma exposição crível de aspectos do “eu” de quem se expressa. Nem todo agir dramatúrgico seria, portanto, dissimulado ou cínico. Quem age dramaturgicamente poderia buscar, a princípio, “desvelar para certo público uma vivência à qual tem acesso privilegiado”, ou seja, apresentar para as outras pessoas aspectos íntimos que lhe constituem como sujeito (histórias, identidade, sexualidade, valores, sentimentos, etc.) (HABERMAS, 2012a, p.561-562), uma vez que as “ações dramatúrgicas corporificam um saber

acerca da respectiva subjetividade de quem age” (HABERMAS, 2012a, p.575-576). As obras de arte representariam, dessa maneira, uma manifestação mais concreta deste agir, mas, ele também estaria presente no nosso cotidiano, como *performance*. As pessoas atuam dramaturgicamente para manifestar ou ocultar desejos, sensações ou impressões em suas interações no dia a dia.

Para Habermas, portanto, a este agir se relaciona um saber que é ao mesmo tempo estético e prático, comum tanto às expressões artísticas como manifestações expressivas racionais que buscam representar sentimentos, sensações e impressões de seus realizadores, como também nos próprios papéis desempenhados no cotidiano do mundo da vida. Assim, a forma de argumentação usada para compreender esse agir seria tanto a crítica estética (para interpretar o conteúdo das obras de arte) quanto a terapêutica, orientada para a “interpretação de desejos e atitudes sentimentais” de quem *performa* um determinado papel (HABERMAS, 2012a, p.576). Um problema ocorre quando se observa neste agir dramaturgico uma expressão de uma subjetividade inverossímil ou enganosa. Isso acontece quando se atribui a essa forma de agir uma intenção que Habermas (2012a, p.574) chama de “agir veladamente estratégico” que conduz ao “engano conscientemente”, à manipulação. Essa manipulação é identificada como cinismo, uma representação propositadamente dissimulada que se manifesta como verossímil a um determinado público (engano) ou a si mesmo (autoengano). Segundo Habermas (2012a, p.576), “autoenganos podem ser solvidos em conversas terapêuticas com o emprego de meios argumentativos”, ou seja, é por meio da análise reflexiva crítica e dialogada sobre si mesmo que se desmantela a manifestação equivocada da sua própria subjetividade. O que regimes autoritários fazem, no entanto, é expressar-se cnicamente para fazer o contrário, promover enganos (como aparentar-se democráticos quando são ditatoriais, por exemplo) e impedir críticas reflexivas que possam deslindar autoenganos (as ilusões das massas com as promessas autoritárias).

Habermas, portanto, apontou a dissimulação cínica ou o cinismo como agir racional preponderante no autoritarismo. Esse cinismo é abordado por ele, principalmente, sob a perspectiva da manipulação estratégica para a criação do inimigo político. Neste sentido, segundo Habermas (2012a, p.181), “o agir dramaturgico poderá assumir traços estratégicos na

medida em que o ator não trate os espectadores como público, mas como adversários”. Na audiência pretendida pela liderança autoritária, portanto, encontram-se grupos aos quais serão atribuídas as causas para todas as mazelas da sociedade, e eles serão escolhidos como os adversários a serem eliminados, mesmo diante da percepção racional de que esta causalidade é inverossímil. A partir disso, quem assim atua poderá expandir sua autorrepresentação para “o direcionamento cínico das impressões que o ator desperta nos outros” (Habermas, 2012, p.181), ou seja, a liderança autoritária buscará despertar nas massas por seu agir dramaturgicamente inflamado essa mesma interpretação enganosa, direcionando suas percepções do mundo para esta representação equivocada da realidade. A pretensão de verdade ou de veracidade que deveria orientar o agir racional se perde, pois o que se pretende é a mera manipulação.

No agir comunicativo, por exemplo, de acordo com Habermas (2012a), quem age orientado ao entendimento tem de manifestar com suas exteriorizações (atos de fala) três pretensões de validade: a) a de que o seu enunciado seja verdadeiro; b) a de que a sua ação de fala esteja correta em relação a um contexto normativo legítimo vigente (regras e valores não impostos pela violência); e, c) a de que a intenção expressa do falante corresponda ao que ele pensa (que tenha veracidade ou autenticidade). O agir dramaturgico dissimulador, no entanto, não se preocupa com nenhuma destas pretensões, não há nele preocupação com verdade, legitimidade ou autenticidade (veracidade). A sua proposta é apresentar proposições que apenas aparentam cumprir esses propósitos. O principal foco é a verossimilhança, parecer verdadeiro para um público específico. Neste sentido, o rancor argumentativo que aponta inimigos para uma audiência frustrada não precisa nem ser verdadeiro, muito menos buscar resolver qualquer frustração, basta aparentar-lhes isso.

Este agir dramaturgico-cínico é típico do autoritarismo moderno. É importante frisar, como diz Sloterdijk (2012), que não se trata do cinismo como o *kynikos* da filosofia clássica, que tem em Diógenes o seu maior representante, e que se dedicava a uma naturalização da humanidade, crua e nua, criticando as posturas conservadoras e hipócritas do mundo social. Além da atuação dramaturgica para criar o inimigo comum, o cinismo autoritário moderno possui a característica de ser diferente deste *kynikos* por se manifestar como uma falsa crítica

do contemporâneo, representada no apelo ao retorno da tradição conservadora. Trata-se de um “tipo vulgar” de cinismo, diz-nos Sloterdijk (2012, p.32), melancólico por ter perdido seu lugar no mundo, ansiando reviver glórias passadas. O cínico moderno, segundo ele, direciona o seu saber para a suas dores e frustrações nostálgicas e não para a crítica mordaz das incoerências de sua época. Como Sloterdijk (2012, p.33) comenta, o cínico moderno apenas performa a crítica e o faz pelo desejo de autoconservação e não de transformação, neste sentido, o cinismo moderno representa “a falsa consciência esclarecida”. São cínicos modernos, assim, os gurus que se apresentam como figuras geniais, como grandes debatedores, mas que não frequentam ambientes de debates, nem apresentam suas pretensões de validade para a crítica. Dramatizam, encenam, fingem-se adeptos ao pensamento crítico, às rupturas, mas almejam o *status quo*.

Isso acontece, segundo Habermas (2012a, 2012b), porque o cínico moderno é uma reação mal-acabada à opressão da racionalidade instrumental da própria Modernidade – calculista, impessoal e irrefletida – que alterou o seu modo de vida, prometendo-lhe emancipação e lhe entregando dominação e sofrimento no lugar. Ao invés de buscar soluções consensuadas para libertar-se dessa razão que explora o trabalho e desumaniza, nos mercados e nas burocracias, o cínico quer apenas resgatar – nem que seja na base da violência – as imagens de mundo tradicionais do passado às quais se vê preso, em um autoengano de que a antiguidade conservadora era sempre melhor e que fora interrompida ou usurpada por alguém. Assim, sua conduta passa a ser apontar inimigos para um público frustrado e não soluções para a frustração do público. Nesse sentido, Habermas (2012a, p.635) recupera a lição de Horkheimer ao dizer que essa foi a tática dramatúrgica cínica utilizada pelo nazismo, “os nazistas manipularam os desejos reprimidos do povo alemão”, o desejo de frear a razão instrumental que domina a Modernidade, prometendo-lhes, a qualquer custo, o retorno aos valores de um passado idealizado.

O agir dramatúrgico do cínico autoritário, em postos de liderança, tem consequências organizacionais ao projetar sobre o grupo social sua orientação teleológica de manipulação, institucionalizando o cinismo na burocracia (SLOTERDIJK, 2012; SCHUTIJSER, 2017; ABUBAKAR & ARASLI, 2015). Em nível de Estado-Nação, ele se apropria de um aparato da

Administração Pública para tentar enquadrar a sociedade à sua imagem de mundo tradicional, forçando dissidentes a aceitarem suas pretensões. É nesse sentido que convergem algumas das principais críticas da filosofia alemã ao autoritarismo, nas visões de Hannah Arendt (1989), Habermas (2012a, 2012b) e Sloterdijk (2012), para explicar a ascensão do nazismo na Alemanha: o discurso cínico e autoritário das lideranças para manipular as massas e que se cristaliza no aparato burocrático após a sua chegada ao poder. Para os três, as decepções das massas foram apropriadas pelas lideranças autoritárias que prometeram o resgate romântico da tradição e o freio aos efeitos da Modernidade que parte do povo tomava como perverso, pelas dificuldades de construção de consenso que eles implicam (a secularização com o desencantamento do mundo, a democratização pelo Direito Positivo e a difusão da racionalidade instrumental).

Sloterdijk (2012, p.36), assim como Habermas, destaca a raiz do autoritarismo nazista na República de Weimar, tomada por ele como exemplo do cinismo burocrático pois “ela sente a dor da modernização mais intensamente, e exprime suas decepções de maneira mais penetrante e fria do que toda a atualidade ainda seria capaz”. Incompetente nas respostas às decepções decorrentes da humilhação pública do Tratado de Versalhes, que colocou a Alemanha como a maior perdedora da Primeira Grande Guerra, a República de Weimar, ao invés de construir soluções democráticas e reflexivas sobre sua condição – como no agir comunicativo de Habermas –, abriu caminhos para uma resposta ainda mais brutal com o Terceiro Reich que, cinicamente, ascende ao poder pela via democrática, nos votos das massas frustradas. O cinismo militar latente no pós-primeira guerra se institucionalizou na burocracia de Weimar, no entendimento de Sloterdijk (2012), ao incorporar uma cultura nostálgica do *front* de guerra e lançá-la sobre o mundo político. Após dez anos de República de Weimar, diz-nos Sloterdijk (2012, p.551), irrompe “uma nostalgia militar propriamente dita”, onde “soldados aparecem de maneira heroica, clara, dura, corajosa, grandiosa [...] se mostram como *viris*” mesmo a guerra tendo os levado à exaustão, à morte e à pobreza. A guerra (sua cultura e sua linguagem) que era uma das causas para a derrocada alemã passa a ser a nova razão e é vista, então, como solução mágica para tudo, ao passo que a política é tida como “pequena, obscura, ambígua, fraca, em suma, ela não é viril”. Assim, “a nova filosofia do *front* substitui a

antiga moral” (SLOTEDIJK, 2012, p.553), e o discurso bélico obtuso que havia levado anos antes a um fracasso humanitário passa, clinicamente, a ser louvado como resposta ideal ao próprio fracasso que ele produziu.

De forma similar, Arendt (1989) destaca o autoritarismo na burocracia como espaço social da violência dramatúrgica-cínica, que combina o agir teatralizado da liderança carismática com o agir irrefletido, desprovido de reflexão ética, que banaliza o mal. O líder autoritário tem uma finalidade objetiva, segundo Arendt (1989), mobilizar as camadas difusas da sociedade, desesperançadas e violentas, nada engajadas politicamente, unidas somente pela raiva que sentem de suas próprias frustrações. Juntas a parcelas da elite, da classe média, igualmente frustradas, elas compõem uma massa disforme de insatisfação. É assim, diz-nos Arendt (1989, p.358) que, estrategicamente, “os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas – e não as classes [...] nem os cidadãos”. O foco da liderança autoritária cínica é uma insatisfação difusa que ele não almeja resolver, apenas direcionar e manipular, não se quer amenizar frustrações, mas arrebatar o apoio, pois, “o covarde precisa se esconder no interior da massa dos hesitantes” (SLOTEDIJK, 2012, p.316). Habermas (2012a, p.636) destaca essa ideia na manipulação cínica do fascismo, que encontra “entre camponeses, artesãos de classe média, comerciantes de varejo, donas de casa e pequenos empresários”, as primeiras “vítimas da razão instrumental”, ou seja, os oprimidos pela lógica calculista, violenta e alienante que as burocracias modernas imprimiram no mundo. E conclui, “sem o apoio ativo desses grupos, os nazistas jamais teriam podido tomar o poder” (HABERMAS, 2012a, p.636). O agir dramatúrgico-cínico autoritário é, portanto, uma estratégia de dominação por meio da manipulação e do engano.

A PREVALÊNCIA DO AGIR DRAMATÚRGICO NA CONSTRUÇÃO DO CINISMO BUROCRÁTICO BOLSONARISTA

Finchelstein (2017, p.xL) ao comentar a ascensão a autoritária via populismo diz que, nela, “a realidade virou melodrama”. Os atos, as falas, os eventos são moldados para aparentar, para iludir, para mentir, para agradar as massas. Começa-se a criar um consenso na análise político-social brasileira, de que uma massa difusa de frustrados elegeu o Presidente Bolsonaro

com base nesse melodrama (NOBRE, 2021, PINHEIRO-MACHADO, 2019). Após eleito, como populista que é, seus atos são todos dramaturgicamente encenados para essas massas, tal como visto em Habermas. Com base nos discursos, entrevistas e manifestações públicas das lideranças do governo Bolsonaro, percebe-se fortemente indícios de uma prevalência do agir dramatúrgico-cínico com foco na condução de uma estratégia de defesa de uma imagem de mundo conservadora e ultraliberal, calcada em uma cultura do *front* que trata parcelas do povo brasileiro (principalmente as minorias) como inimigos (BIROLI, 2017). Esse agir é monológico e não se apresenta à refutação – ele se encerra no ato dramatizado para um público de apoiadores específico. O resultado organizacional da prevalência deste agir no governo federal é a transformação do Estado brasileiro, do ponto de vista organizacional, em uma burocracia calcada no cinismo, sem foco em solução de problemas concretos, voltada apenas para a autopreservação dos valores e interesses de suas lideranças nostálgicas, conservadoras e anti-modernas. Um ponto central desse agir bolsonarista é a manipulação pela disseminação de mentiras, algo típico do comportamento de lideranças autoritárias contemporâneas.

Em 2019, a agência de checagem de fatos da Folha de SP, chegou a criar o Bolsonômetro que indicava que o Presidente Jair Bolsonaro fazia uma declaração falsa ou imprecisa a cada quatro dias (MAGALHÃES & DELFIM, 2019). Posteriormente, na análise realizada de 917 dias como presidente, segundo o levantamento do AosFatos (AF, 2021), Bolsonaro teria dado 3.296 declarações falsas ou distorcidas, o que teria aumentado essa média para 3,6 mentiras por dia de mandato. Esse comportamento não é exclusivo do presidente brasileiro, ele emula uma prática amplamente difundida pelo ex-presidente estadunidense Donald Trump. Trump, em levantamento realizado pelo PolitiFact, considerando 929 declarações checadas entre 2016 e 2020, concluiu que apenas 3,8% destas manifestações (35 do total) poderiam ser consideradas integralmente verdadeiras, outras 21,9% (203) seriam verdadeiras pela metade ou na sua maior parte, ao passo que 74,4% (691) seriam consideradas falsas (distribuídas entre falsas na maior parte de seu conteúdo, totalmente falsas, e totalmente falsas e apoiadas em uma alegação considerada absurda ou ridícula). Kristiansen e Kaussler (2018, p.23) chamam essa postura descompromissada com a verdade de *bullshit doctrine*, algo como doutrina da besteira ou da baboseira, que se apresenta mais “preocupada com a percepção popular e o significado

simbólico da audiência” do que com efetivamente dizer a verdade, ou seja, uma postura essencialmente dramatúrgica, encenada para um determinado público. Ao final do mandato de Trump, a agência de checagem de notícias do *Washington Post* chegou à impressionante cifra de 30.573 alegações falsas ou enganosas emitidas por Trump em quatro anos de mandato (KESSLER, SALVADOR & KELLY, 2021). Seibt e Dannenberg (2021, p.7-8), analisando dados do AosFatos e da conta oficial do presidente Bolsonaro no Twitter, chegaram à conclusão de que “mais de um terço – 28 (34,56%) – das publicações presidenciais no Twitter apresentam algum tipo de dificuldade de comprovação ou são deliberadamente falsas”.

A tática de disseminar informações inverídicas não é nova no mundo político, mas foi bastante utilizada pela nova direita e a extrema direita populista e autoritária que ascendeu ao poder em vários países nos últimos anos (RUNCIMAN, 2018; LEVITSKY & ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2018). Conforme Santos e Santos (2019, p.49) analisam, no caso brasileiro, essa estratégia se sustenta em uma rede de propagação de notícias falsas (*Fake News*) e de base de apoio ao presidente Bolsonaro que se constitui no uso intenso de ferramentas e páginas de redes sociais como *Facebook*, *Youtube* e, principalmente, grupos *WhatsApp* que vivem “sua realidade alternativa” e “se alimentam do cinismo em relação às instituições democráticas”. Este é o público almejado, a audiência pretendida. Neste sentido, dentre os cinismos que aproximam Trump e Bolsonaro, um ocupa um lugar especial, as exteriorizações que fizeram a respeito da pandemia do SARS-CoV-2 (Covid-19), pela recorrência do tema, pelo nível do negacionismo científico, e pela repercussão de tais manifestações que impulsionam comportamentos de risco à superação da grave pandemia, bem como implicam uma descoordenação no seu combate (BLAKE & WADHWA, 2020; CAPANO, 2020). A grande quantidade de informações falsas divulgadas pelo governo federal a respeito da Pandemia do Covid-19, por exemplo, fez com que a Agência Lupa, de *fact checking*, modificasse a sua classificação usual de falso e insustentável, para “mentira”, afirmando em editorial que o que “nossa equipe mais lamenta, entretanto, é a possibilidade real de que essas mentiras estejam embasando políticas públicas” (LUPA, 2021).

Em análise do AosFatos, Barbosa et al. (2021) indicam que as lideranças políticas alinhadas ao presidente Jair Bolsonaro, incluindo o próprio presidente, foram responsáveis

pela disseminação de 81% das informações falsas sobre o tratamento para a Covid-19 no Brasil, realizados no *Facebook*, desde primeiro de janeiro de 2021. Os 300 *posts* com mais interações (curtidas e compartilhamentos) relacionados à desinformação do tratamento do Covid-19 resultaram em 5,3 milhões de interações, sendo que destas, 4,8 milhões (90%) vieram de *posts* de 29 políticos bolsonaristas. A maior parte destas desinformações relacionava-se à existência de um suposto tratamento precoce para covid-19, fundamentado no uso de hidroxicloroquina, ivermectina e azitromicina, medicamentos cuja eficácia no tratamento do Sars-CoV-2 não foi comprovada cientificamente. Esse período coincide com um dos piores períodos em termo de mortes pela Pandemia no Brasil, quando se alcançou, ao final do primeiro trimestre de 2021, a triste marca de 300 mil mortos no país. E onde se encontra o cinismo aqui? Encontra-se no fato de o próprio presidente disseminar essa informação ciente de que ela não possui comprovação científica, apenas para encenar um teatro de contestação à Pandemia para a sua base de apoio. Como se observa em duas transmissões ao vivo (*lives*) realizadas e disponibilizadas no *Youtube*, o próprio presidente reconhece que a hidroxicloroquina não tem comprovação científica para tratar Covid-19: “e o pessoal que me critica, né? Não tinha comprovação científica. Sabemos que não tem para esse fim” (BOLSONARO, 2020a), e, “agora vem alguns, né, que ficam aí? Ah, não tem comprovação científica. Eu sei que não tem, mané” (BOLSONARO, 2020b). Apesar disso, ele seguiu propagando a recomendação deste medicamento e usando a burocracia pública para reforçá-la (SIMÕES, MENDES & MILITÃO, 2021), apenas para teatralizar uma suposta solução mágica para a Pandemia à sua base de apoio, como se vê no Quadro 1:

Quadro 1 – Exteriorizações sobre cloroquina realizadas pelo Presidente Jair Bolsonaro

Frases do Presidente Jair Bolsonaro a respeito do uso da Cloroquina no tratamento da Covid-19	Eventos
“Tanto é que quem usou no começo não foi ao hospital.”	Fala a apoiadores em 15/11/2020
“Vou repetir aqui a questão da hidroxicloroquina. Que nós acertamos”	<i>Live</i> do Presidente em 03/12/2020
“E cada vez mais aparecem estudos, etc., ainda não publicados em revistas científicas, mas que apontam que realmente tem dado certo.”	<i>Live</i> do Presidente em 10/12/2020
“Eu, no dia seguinte [após tomar a hidroxicloroquina], tava bem.”	<i>Live</i> do Presidente de 26/11/2020

“Fui tratado com hidroxicloroquina.”

“Isso tem salvado vidas. Salvou a minha vida [tratamento precoce com a hidroxicloroquina] [...] Não vou tomar vacina e ponto final”

“Aí vem o importante, que milagre é esse? O tratamento precoce. Quem aqui tomou a hidroxicloroquina, levanta o braço por favor. Querem prova maior do que isso? Eu tomei a hidroxicloroquina (...) Ah, não tem comprovação científica e eu pergunto: a vacina tem comprovação científica ou está em estado experimental ainda? Está experimental. Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxicloroquina”

Entrevista concedida à
Imprensa após votar nas
Eleições de 2020
Entrevista a José Luiz Datena
em durante o programa
#BrasilUrgente de
15/12/2020.

Discurso do Presidente o
Culto Interdenominacional
das Igrejas de Anápolis/GO
em 02/06/2021

Fontes: elaboração própria com dados de AosFatos, Canal Oficial do Youtube do Presidente Jair Bolsonaro, e site da Presidência da República.

Apenas em 30/04/2021, a Administração Pública é acionada para o governo se manifestar em nota oficial a respeito, sem desmentir, porém, o apoio dado pelo Presidente ao uso da cloroquina durante mais de um ano de Pandemia no país, apenas comentando entrevista dada pelo Ministro da Saúde ao jornal O Globo: “Ministério da Saúde esclarece que em momento algum foi dito ao O Globo que será criado um protocolo para o uso de cloroquina (...) Este protocolo, quando aprovado, servirá como guia para orientar a conduta dos profissionais de saúde” (BRASIL, 2021c). Implementando o cinismo na burocracia, tal como comentado por Habermas para o caso alemão, a Nota Oficial é lacônica e evasiva, não deixa claro se apoia ou não o uso do medicamento, e não desmente as falas do Presidente.

Neste sentido, o agir dramatúrgico-cínico das lideranças bolsonaristas tentou fazer do governo federal uma burocracia calcada no cinismo como estratégia, e, um dos exemplos mais contundentes disso, para além das inverdades do tratamento da Covid-19, foram as alegações de que o governo não agiu no seu enfrentamento por ter sido proibido pelos tribunais. Dentre as alegações falsas e desinformações mais repetidas por Bolsonaro em 917 dias de mandato, de acordo com AosFatos (AF, 2021), a mais repetida (88 vezes entre pronunciamentos oficiais, *lives* no Facebook, discursos e entrevistas) é sobre limitações impostas ao governo no combate à pandemia do Covid-19. Alega-se que o governo federal não pôde enfrentar a pandemia no país em razão de uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que assim determinou e o

impediu. O Presidente declarou isso no discurso proferido na 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), quando ao invés de se reportar às outras lideranças internacionais, preferiu ater-se à dramaturgia que sua base consome, a crítica ao Poder Judiciário: “Por decisão judicial, todas as medidas de isolamento e restrições de liberdade foram delegadas a cada um dos 27 governadores das unidades da Federação” (BRASIL, 2020c).

Nesta linha, em discurso oficial de posse do então Ministro da Saúde Eduardo Pazuello, Bolsonaro disse que “as medidas restritivas não estavam mais nas mãos da Presidência da República ou do nosso Governo como um todo. Por decisão judicial, elas competiam exclusivamente aos governadores e os prefeitos” (BRASIL, 2020a). O presidente Bolsonaro chegou a dizer em pronunciamentos oficiais que o “tratamento dessa questão [a Pandemia de covid-19 no Brasil] coube, exclusivamente, aos governadores e aos prefeitos por decisão do Supremo Tribunal Federal” (BRASIL, 2020b). Na verdade, a decisão do STF aponta a competência concorrente entre União, Estados e Municípios neste quesito, e que o Presidente a quis afastar para poder legislar unilateralmente sobre saúde via decreto, como pretendia ao editar a Medida Provisória nº 926, de 20 de março de 2020, objeto da ação direta de inconstitucionalidade que o STF analisava:

Presentes urgência e necessidade de ter-se disciplina geral de abrangência nacional, há de concluir-se que, a tempo e modo, atuou o Presidente da República – Jair Bolsonaro – ao editar a Medida Provisória [nº 926, de 20 de março de 2020]. O que nela se contém – repita-se à exaustão – não afasta a competência concorrente, em termos de saúde, dos Estados e Municípios. (BRASIL/STF, ADI 6341 MC-Ref/DF, 2020, p.5)

Já se sabe que o STF, como instituição fundamental à democracia, foi escolhido como um dos inimigos da extrema-direita no Brasil (GALLEGO, 2019). O agir dramatúrgico cínico, afirmar Habermas, procura inimigos e não o consenso. Essas declarações falsas sobre o combate à Pandemia no país representam um reforço desta visão que é bastante popular na audiência da extrema-direita brasileira. Ao invés de tomar medidas concretas no enfrentamento da Pandemia, a liderança brasileira optou por fazer atos dramatúrgicos e cínicos que insuflam a sua base de apoiadores. Esse agir descompromissado, sem diálogo, não contribuiu para a contenção da crise sanitária no país e a pandemia atingiu fortemente o Brasil, tendo o país

figurado como um dos piores casos de enfrentamento da crise no mundo (WERNECK & CARVALHO, 2020; SOUSA JÚNIOR ET AL. 2020; FREITAS, SILVA & CIDADE, 2020).

Além disso, o cinismo burocrático criado pelo bolsonarismo no poder também se caracteriza pelo próprio desprestígio à burocracia pública, permitindo em seu governo um discurso de combate à própria esfera pública que ele lidera, com assunção de uma agenda ultraliberal que tomou o serviço público como inimigo. Neste sentido, destaca-se o que diz o Ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre os servidores públicos federais em reunião ministerial ocorrida em de 22 de abril de 2020, valendo-se de um linguajar próprio da cultura do *front*: “tão distraídos, abraçaram a gente, enrolaram com a gente. Nós já botamos a granada no bolso do inimigo – dois anos sem aumento de salário”. O inimigo, desta vez, são os servidores públicos. Nessa mesma reunião, Guedes chama três temas econômicos – a previdência, os juros altos e os reajustes salariais dos servidores públicos – de as “três torres do inimigo”, que precisam ser derrubadas (G1, 2020). Apesar de considerar a burocracia pública como inimiga, os estudos que começam a ser publicados apontam que foi justamente a competência técnica da burocracia pública (e não do governo), em especial do Sistema Único de Saúde (SUS), que minimizou o impacto da pandemia no país (RODRIGUES, CARPES & RAFFAGNATO, 2020; SILVA ET AL., 2020). Os resultados burocracia, porém, não interessam ao agir dramatúrgico bolsonarista, o que ele quer é o cinismo burocrático, usar a burocracia apenas para sustentar os seus propósitos e não para resolver os problemas concretos que deveria enfrentar. Essa conduta tem sido chamada também de desinfodemia, uma pandemia proposital de desinformações relacionadas à Covid-19 (FERREIRA, 2021; WIDIASTUTI, 2021).

O cinismo na condução da Covid-19 pelo governo federal se evidencia, de modo ainda mais perceptível, na diferença entre a dramaturgia anti-pandemia de suas lideranças e as ações oficiais em relação ao seu enfrentamento. No levantamento realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP), atos normativos, atos de governo e propaganda contra a saúde pública demonstram uma intenção de propagação do vírus da Covid-19 como mecanismo de aceleração da reabertura da economia. Dentre as estratégias comunicativas que o relatório aponta, encontra-se a “banalização das mortes e das sequelas causadas pela doença”

(2021b, p.19), bem como os contínuos atos de manifestação de desprezo por críticos, jornalistas, imprensa em geral e pela ciência. Conforme Boletim publicado pela Fundação Conectas Direitos Humanos e Cepedisa (2021a, p.2), o governo federal editou 3.049 normas relativas à Covid-19 entre 1/1/2020 e 31/12/2020, e a conclusão foi a de que a “inflação normativa reflete o descalabro da resposta brasileira à pandemia” em que prevalece “a ideia de que onde há o excesso de normas há pouco direito”, configurando uma “estratégia de propagação do vírus conduzida de forma sistemática pelo governo federal”. Muitas das normas possuem vícios constitucionais de origem, levando a um imediato questionamento judicial. Outras, foram derrubadas pelo Congresso, por serem contrárias às medidas científicas balizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No geral, portanto, essas normas mais confundem do que efetivam qualquer medida prática. Seguindo a análise habermasiana, são normas editadas na base do cinismo, apenas para dissimular, aparentar estar enfrentando a Pandemia e sendo impedido pelos outros Poderes. É o cinismo burocrático como estratégia.

À época da publicação deste Boletim, em janeiro de 2021, o Brasil alcançava a marca de 210 mil vidas perdidas para a Covid-19. No momento da elaboração deste artigo, encontrava-se em curso uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no âmbito do Senado Federal, para apurar as responsabilidades do governo federal no combate à Pandemia no país. São mais de 625 mil mortes, até o momento. O agir dramatúrgico, focado no espetáculo, na dissimulação, porém, continuou em curso, principalmente, pela Presidência da República. O Presidente Bolsonaro participou ativamente de ao menos 84 eventos, desde o início da Pandemia até junho de 2021, em que se manifestava contrário às medidas de combate à Pandemia, em especial, às que restringiam a abertura do comércio (GLOBO, 2021). Na CPI, tem sido reforçada a denúncia da estratégia deliberada do governo em não efetivar a vacinação da população brasileira, apostando na disseminação do vírus para atingir a imunidade coletiva (de rebanho) de um lado, e não promover qualquer restrição à economia de outro (CEPEDISA, 2021b). À frente desta estratégia dupla, camuflando-a por meio do discurso da oposição “economia versus vidas”, estava a atuação cínica das lideranças do governo, que se mantiveram fiéis à ação dramatúrgica do espetáculo. O cinismo burocrático bolsonarista, portanto, encenou uma marcha vitoriosa para suas bases, ao mesmo tempo em que ajudou a consolidar uma tragédia sanitária no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS ORGANIZACIONAIS HABERMASIANOS PARA A SUPERAÇÃO DO AUTORITARISMO CÍNICO

O presente trabalho buscou, a partir da análise do agir dramatúrgico que Habermas (2012a, 2012b) elaborou para refletir sobre a ascensão do nazismo na Alemanha, discutir a preponderância do agir dramatúrgico cínico na conduta do Presidente Jair Bolsonaro, durante o enfrentamento à Pandemia do Covid-19 no Brasil. O objetivo era identificar, por meio de exteriorizações (atos de fala) do Presidente Jair Bolsonaro, cotejadas com análises de dados secundários de agências de checagens de fatos, elementos que indicassem a sua inclinação para este tipo de agir que, conforme Habermas analisou, é bastante comum às lideranças autoritárias e ao pensamento conservador tradicional frustrado com as consequências da Modernidade.

A análise habermasiana demonstra que a liderança autoritária busca, na verdade, enfatizar um tipo específico de agir dramatúrgico calcado na manipulação e na dissimulação, o cinismo – que não se confunde com a corrente filosófica clássica de mesmo nome. O cinismo praticado pela liderança autoritária é o da encenação de uma conduta que aparenta estar preocupada com as insatisfações populares mas que, de fato, apenas quer manipular estas frustrações para alcançar e se manter no poder. Diante disso, ao assumir o poder, o que a liderança autoritária faz é utilizar a burocracia pública para reforçar essa encenação em larga escala, tentando constituir um cinismo burocrático que norteia a sua forma de liderar o governo.

Habermas (2012a, 2012b) construiu a teoria do agir comunicativo sobre a importância do diálogo, do debate em que se chocam pretensões de validade criticáveis, exteriorizadas por pessoas que se colocam em posição de autorreflexão, na busca pela construção coletiva do consenso. Ele não determinou essa racionalidade comunicativa como uma eliminação de outras racionalidades no mundo moderno. O que Habermas fez, no entanto, foi destacar que, quando a racionalidade instrumental (em que os fins justificam os meios) se impõe, a Modernidade traz sofrimentos e contradições que oprimem ao invés de emancipar. Essa condição poderia ser enfrentada, porém, por um agir comunicativo e democrático, a fim de permitir a superação dos conflitos e das patologias da Modernidade de modo coletivo. Ele alerta, contudo, que se a reação às insatisfações da instrumentalidade opressora moderna não for pela construção democrática

de soluções, corre-se o risco de canalizá-la para este agir dramaturgico e cínico da liderança autoritária. Em defesa de uma imagem de mundo tradicional, a liderança autoritária manipularia o sofrimento das massas por meio de um discurso cheio de inverdades voltado para a criação de um inimigo em comum, com vistas a encenar um falso enfrentamento às patologias da Modernidade.

O recente crescimento da extrema-direita no mundo todo tem mostrado a força desse agir dramaturgico cínico na contemporaneidade. Sustentado em *Fake News*, suas lideranças não hesitam em mentir, falsear dados e informações, apenas para insuflar as massas pelas redes sociais, e assim alcançarem o poder. Conforme discutido neste trabalho, o caso brasileiro do combate à Covid-19 por parte do governo federal durante o governo de Jair Bolsonaro pode ser examinado sob este prisma, do uso intensivo de um agir dramaturgico cínico que não cumpre as pretensões estabelecidas pelo agir comunicativo habermasiano de compromisso com a verdade, a legitimidade e a autenticidade (veracidade) dos argumentos. O agir dramaturgico bolsonarista, neste caso, se assemelha à encenação que lideranças populistas da extrema-direita atual têm adotado e que foram identificadas como *bullshit doctrine*, por se preocuparem mais com apontar inimigos para um público frustrado do que soluções para a frustração do público. Mais do que o cinismo individual, porém, o que se tem é a construção de um cinismo burocrático, dado que o aparato público se movimenta ou deixa de se movimentar apenas porque quer sustentar este cinismo ao invés de, verdadeiramente, enfrentar os problemas que são postos para a burocracia pública.

Conforme os dados discutidos no trabalho, os levantamentos feitos pelas agências de checagens de fato (*fact-checking*) que identificaram o excesso de inverdades nas manifestações do ex-Presidente estadunidense, Donald Trump, apontam um comportamento similar não apenas do Presidente Jair Bolsonaro, mas, também de outras das lideranças bolsonaristas brasileiras. No caso brasileiro, um volume significativo de informações falsas sobre a Covid-19 vem de lideranças bolsonaristas, inclusive do próprio presidente, sobretudo, quanto ao suposto tratamento precoce não confirmado pelos estudos científicos. Os elementos do cinismo são identificados nos momentos em que, em algumas manifestações, o próprio Presidente reconhece que as medidas defendidas por ele não têm eficácia comprovada e, no entanto, persiste na sua divulgação.

Esta conduta extrapola o aspecto individual e começa a se estruturar como cinismo burocrático quando a própria Administração Pública passa a emitir comunicados evasivos que nem confirmam nem desmentem tais manifestações, como o ocorrido com o Ministério da Saúde. Além disso, argumentações dissimuladas são também apresentadas para justificar a inação do governo em alguns casos, em uma tentativa encenar um ato em que o governo quis combater, mas foi impedido por outros Poderes da República, em especial, o Judiciário. Por fim, o que se observa, em algumas manifestações de lideranças do governo, é a tentativa de se eleger um inimigo em comum, seja o STF ou os próprios servidores públicos, desvalorizando o próprio aparato público técnico e competente que tem sido, justamente, um dos principais responsáveis para evitar um colapso sanitário ainda maior no Brasil.

Por ser um trabalho que buscou uma forte conexão teórica com um conceito habermasiano ainda pouco explorado, e que é tratado em sua obra em um nível mais alto de abstração, a análise proposta caminhou no sentido da apresentação de dados gerais e mais abrangentes das manifestações do Presidente Jair Bolsonaro, e de algumas lideranças bolsonaristas, de modo a apresentar um olhar mais generalista. Se, por um lado, esta opção metodológica permite a construção de um quadro geral interessante, em linha com as preocupações habermasianas, ela não se aprofunda de modo mais detalhado no discurso construído por alguma liderança específica – seus usos, estratégias e repercussões particulares. Neste sentido, a pesquisa apresentada cumpre o papel de ajudar a construir um panorama geral associado ao agir dramaturgicamente cínico da extrema-direita atual, demonstrando a atualidade e o potencial da teoria habermasiana para compreender este fenômeno. Ela, porém, deixa abertas algumas questões e perplexidades que ainda requerem discussão e que poderão ser exploradas em pesquisas futuras, por exemplo, por meio de análises críticas do discurso. O caminho a percorrer é longo. Falta ainda uma compreensão adequada dos elementos que fizeram com que sociedades contemporâneas que aspiram à democracia tenham corroborado com tais discursos dramaturgicamente-cínicos, legitimando a ascensão de lideranças autoritárias e permitindo, mais uma vez, a banalização da violência discursiva, simbólica e fática.

REFERÊNCIAS

ABUBAKAR, A.; ARASLI, H. Dear top management, please don't make me a cynic: intention to sabotage. **Journal of Management Development**, 35(10), pp. 1266-1286, p.2016

ANDRADE, L.; ALCANTARA, V.; PEREIRA, J. Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os estudos organizacionais. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 12-24, Mar. 2019

AOSFATOS (AF). Todas as declarações de Bolsonaro checadas. **AOSFATOS.ORG**. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em 7 de julho de 2021.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARBOSA, B. et al. Bolsonaro e aliados publicaram 83% da desinformação sobre 'tratamento precoce' no Facebook em 2021. **RADAR Aos Fatos**, 2021, 24 de março de 2021, 18h38. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-e-aliados-publicaram-83-da-desinformacao-sobre-tratamento-precoce-no-facebook-em-2021/> Acesso em 27 de março de 2021.

BEST, B.; BONEFELD, W.; O'KANE, C. Introduction: key texts and contributions to a critical theory of society. In: BEST, B.; BONEFELD, W.; O'KANE, C. (Eds.). **The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory**. London: Sage Publications, 2018, p. 1-16.

BIROLI, F. O fim da Nova República e o casamento infeliz entre o neoliberalismo e conservadorismo moral: In: BUENO, W. et al. (Orgs.). **Tem saída?**. Porto Alegre: Zouk, 2017, p.17-26

BLAKE, P.; WADHWA, D. 2020 Year in Review: The impact of COVID-19 in 12 charts. World Bank, December, 2020.

BOLSONARO, J. *Live* de Quinta-feira - 10/12/2020. Vídeo de 54min. e 19s. **Youtube**. 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=lfISUxlODRY> . Acesso em: 26 de março de 2021.

_____. Presidente Jair Bolsonaro ao vivo - 03/12/2020. Vídeo de 39min. e 53s. **Youtube**. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=nk6uPiCel20&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 de março de 2021.

BRASIL. **Nota de Esclarecimento**. 23 de abril de 2021. Ministério da Saúde. Brasília, 2021. Disponível em: [NOTA DE ESCLARECIMENTO — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 16 de maio de 2021.

_____. Presidente (2018-: Jair Messias Bolsonaro). **Discurso do Presidente da República**, Jair Bolsonaro, durante a Cerimônia de Posse do senhor Eduardo Pazuello, Ministro de Estado da Saúde. Palácio do Planalto. Brasília: 16 de setembro de 2020, 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-cerimonia-de-posse-do-senhor-eduardo-pazuello-ministro-de-estado-da-saude-palacio-do-planalto>. Acesso em: 26 de março de 2021.

_____. Presidente (2018-: Jair Messias Bolsonaro). **Discurso do Presidente da República**, Jair Bolsonaro, na Cerimônia alusiva à inauguração de estruturas e entregas de equipamentos à Superintendência da Polícia Rodoviária Federal. Rio de Janeiro/RJ. 2020b. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-alusiva-a-inauguracao-de-estruturas-e-entregas-de-equipamentos-a-superintendencia-da-policia-rodoviaria-federal-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em: 26 de março de 2021.

_____. Presidente (2018-: Jair Messias Bolsonaro). **Discurso do Presidente da República**, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Brasília: 22 de setembro de 2020. 2020c. Disponível em: [Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas \(ONU\) — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 26 de março de 2021.

_____. STF. Supremo Tribunal Federal. **Medida Cautelar na Ação Direta de Inconstitucionalidade 6.341**, julgamento em 15.4.2020. Brasília, DF: 2020, Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI6341.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2021.

CAPANO, G. et al. Mobilizing policy (in)capacity to fight covid-19: understanding variations in state responses. **Policy and Society**, 39:3, p.285-308, 2020

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE DIREITO SANITÁRIO (CEPEDISA). A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19: atualizado mediante solicitação da Comissão Parlamentar de Inquérito criada pelos Requerimentos do Senado Federal 1371 e 1372, de 2021, por meio do Ofício 57/2021-CPIPANDEMIA. **Relatório (CEPEDISA)**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública (FSP), 2021b

_____. Direitos na pandemia mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil. **Boletim n.10**, São Paulo, 2021a

COUTO, F.; CARRIERI, A. Habermas, the conceptual debates about public-private-social spheres and the communicative action in organization theory. **RACE**, v. 16, n. 3, p. 827-844, 2017

DETCHESSAHAR, M.; JOURNÉ, B. Managing Strategic Discussions in Organizations: A Habermasian Perspective. **M@n@gement**, 2(2), p.773-802, 2018.

FERREIRA, E. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional – Um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. **Scripta**, v.25, n.54, p.96-128, 2021

FINCHELSTEIN, F. **From fascism to populism in history**. Oakland: University of California Press, 2017

FREITAS, C.; SILVA, I.; CIDADE, N.. Covid-19 as a global disaster: Challenges to risk governance and social vulnerability in Brazil. **Ambient. soc.**, v. 23, 2020

G1. Suspensão de reajuste de servidores é 'granada no bolso do inimigo', diz Guedes em reunião. **G1 - Política**, Brasília, 22/05/2020 20h43, Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/suspensao-de-reajuste-de-servidores-e-granada-no-bolso-do-inimigo-diz-guedes-em-reuniao.ghtml>. Acesso em: 27 de março de 2021.

GALLEGO, E. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período de 2014-2017. In.: FREIXO, A. PINHEIRO-MACHADO, R. (Orgs.) **Brasil em transe**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019, p.83-98

GLOBO. Bolsonaro participou de pelo menos 84 aglomerações desde o início da pandemia. **Agência O Globo**. 05/06/2021. Disponível em: Bolsonaro participou de pelo menos 84 aglomerações desde o início da pandemia de Covid-19 - Jornal O Globo. Acesso em 06 de julho de 2021.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989

_____. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Vol I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

_____. **Teoria do agir comunicativo, 1**: Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Martins Fontes, 2012a

_____. **Teoria do agir comunicativo, 2**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b

_____. **Teoria e práxis**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

HEILMAN, J.; SEMENTELLI, A. Rethinking Habermas, from the ideal to the individual: a practical application of critical management theory, **Administrative Theory & Praxis**, p.1-12, 2020

HENNING, C. Jürgen Habermas: against obstacles to public debates. In: BEST, B.; BONEFELD, W.; O'KANE, C. (Eds.). **The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory**. London: Sage Publications, 2018, p. 402-415.

KESSLER, G.; RIZZO, S.; KELLY, M. Trump's false or misleading claims total 30,573 over 4 years. Fact Check Analysis, **The Washington Post Fact Checker**. Jan. 24, 2021 at 5:00 a.m. GMT-3. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/01/24/trumps-false-or-misleading-claims-total-30573-over-four-years/> Acesso em: 28 de março de 2021.

KRISTIANSEN, Lars J.; KAUSLER, Bernd. The Bullshit Doctrine: Fabrications, Lies, and Nonsense in the Age of Trump **Informal Logic**, Vol. 38, No. 1 (2018), pp. 13-52

LARA, L.; VIZEU, F. O potencial da frankfurtianidade de Habermas em estudos organizacionais. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 1-11, Mar. 2019

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **How democracies die**. New York: Crown Publishing Group, 2018.

LUPA. Editorial: Apontaremos mentiras quando as virmos. EQUIPE LUPA. 15.jan.2021. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/15/editorial-mentiras-covid/>

MAGALHÃES, G.; DELFIM, R. Bolsonaro dá 1 declaração falsa ou imprecisa a cada 4 dia: veja o Bolsonômetro. FOLHA DE SP. 6/11/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/bolsonaro-da-1-declaracao-falsa-ou-imprecisa-a-cada-4-dias-veja-o-bolsonometro.shtml>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

MELO, R. Teoria crítica e os sentidos da emancipação. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 249-262, 2011.

MOUNK, Y. **The people vs. democracy: why our freedom is in danger and how to save it**. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

NOBRE, M. **Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: todavia, 2020

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior**. São Paulo: Planeta Brasil, 2019

Politifact. Trump Scorecard. s/d. Disponível em: <https://www.politifact.com/personalities/donald-trump/>. Acesso em 28 de março de 2021.

RASCHE, A.; SCHERER, A. Jürgen Habermas and Organization Studies: Contributions and Future Prospects. In: ADLER ET AL. (Orgs.) **The handbook of sociology, social theory, and organization studies**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p.158-181

RENAULT, E. Qual poderia ser o papel do conceito de reconhecimento em uma teoria social da dominação? **Cadernos de Filosofia Alemã**, v.23, n.1, p.63-78, 2018

RODRIGUES, K.; CARPES, M.; RAFFAGNATO, C. Preparação e resposta a desastres do Brasil na pandemia da COVID-19. **Rev. Adm. Pública**, v. 54, n. 4, p.614-634, 2020

RUNCIMAN, D. **How democracy ends**. London: Profile Books, 2018.

SANTOS, J. G.; SANTOS, K. S. Das bancadas ao WhatsApp: redes de desinformação como arma política. In.: GALLEGO, E. (Org). **Brasil em colapso**. São Paulo: Editora Unifesp, 2019, p.45-59

SIMÕES, R.; MENDES, A.; MILITÃO, P. O Fenômeno das Fake News: Implicações para a Política Externa do Governo Bolsonaro durante a Pandemia do COVID-19. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, Vol.10 (1), p.2-22, 2021

SCHUTIJSER, D. Cynicism as a way of life: From the classical cynic to a new cynicism. **Akropolis**, 1, pp.33-54, 2017

SEIBT, T; DANNENBERG, M. Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p.1-27, 2021

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012

SOUSA JÚNIOR, J. et al. Da desinformação ao caos: uma análise das *fake news* frente à pandemia do coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, v. 13, n. 2, Edição Especial, p. 331-346, 2020

VASCONCELOS, I.; PESQUEUX, Y.; CYRINO, A. A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e suas Aplicações nas Organizações: Contribuições para uma Agenda de Pesquisa. **Cad.EBAPE.BR**, v. 12, Edição Especial, p.374-383, 2014

VIZEU, F. Ethics and/or success in conducting organization studies: a Habermasian account. **Qualitative Report**, vol. 20, no. 3, p.186-197, 2015

WARD, L. Rekindling “Radical Democratic Embers”: Rawls and Habermas on Public Reason, **European Legacy**, p.1-21, 2019

WIDIASTUTI, R. Disinfodemic: How Is the Strategy of Human Resources Management in Government Public Relations Handled? **GEINTEC**, v.11, n.3, p.470-492, 2021

WERNECK, G.; CARVALHO, M. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**; 36(5), 2020

Submetido em 03/02/2022
Aprovado em 03/10/2022